INFORMAFRICATIVO 69

EMEFEJA Oziel Alves Pereira – AFRICANIDADE É INTERCÂMBIO!

EDIÇÂO 69 – NOVEMBRO de 2025 – Circulação virtual – Impressão 1000 A4 e 2500 panfletos
GESTÃO: Mariana D. Barreiras, Fernanda M. Bestetti, Daniecy L. Silva, Ana R. Mobilon, Cintia C. Santos
ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, 446 – Parque Oziel – Campinas – SP - CEP: 13049066
RESPONSÀVEL: Wilson Queiroz – wilsonq10639@gmail.com. PROJETO AFRICANIDADES - F:32696232
APOIO: CPA – comissão Própria de Avaliação – Prof.ª Adriana Sartori; EDUCAÇÃO ESPECIAL – Profa. Valéria Freitas Villanova - CONEPPA – Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades CEFORTEPE– Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional MIPID – Memória e Identidade: Promoção da Igualdade na Diversidade - GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.
CAMPANHA: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!
Acesse: https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo

Essa sou eu... na minha melhor representação. Capulana que é o tecido característico das mulheres e agora em ascensão para os homens em trajes/roupas do dia a dia. Deizy Joane

KHANIMAMBU

Palavra de origem CHANGANA, um dos mais de 38 idiomas existentes em MOÇAMBIQUE e que significa OBRIGADO,

MARTA E DEIZY – Duas mulheres MOÇAMBICANAS

Esta edição do informafricativo, tem a participação de duas mulheres moçambicanas, que tiveram contato com o trabalho com as práticas desenvolvidas na escola e se disponibilizaram em dialogar e partilhar alguns conhecimentos sobre o país do continente africano onde nasceram e vivem. Importante destacar que a nutricionista Marta P. Nhauche Manhique, que em 22/05/2024, defendeu sua dissertação intitulada: "DOBRAS CUTÂNEAS EM NULÍPARAS E SUA ASSOCIAÇÃO COM COMPLICAÇÕES NA GRAVIDEZ: UM ESTUDO DE COORTE MULTICÊNTRICO NO BRASIL", Esteve na escola, no mês de outubro de 2025, EMEFEJA Oziel Alves Pereira, para um diálogo sobre alimentação dos estudantes e ao se apresentar na sala de aula, foi possível perceber o seu sotaque e com isso uma aproximação para conhecer um pouco mais de seu país de origem, Moçambique.

Nessa mesma ocasião, fui apresentado a Sra. Deizy de Cádula Samuel Joane, que prontamente se colocou à disposição para apresentar algumas informações do seu país, para compor essa edição, inclusive o título desta edição. A capital de Moçambique é a cidade de Maputo, e o nome oficial do país é República de Moçambique. Banhado pelo oceano Índico, o território moçambicano apresenta paisagens naturais contrastantes entre o norte e o sul, com clima predominantemente tropical.

Nas palavras de Deizy, o trabalho desenvolvido com o Informafricativo foi parabenizado e apontado como um trabalho poderosos e está a transformar vidas.

Para saber mais: **https://brasilescola.uol.com.br/geografia/mocambique.htm**

O PAÍS DE MIL CORES - HORIZONTE ESTELAR por Deizy de C. S. Joane

Moçambique é como chamam-me e eu sou mais do que um território, um espaço que acolhe, eu sou multicultural, multilingue, multifacetada e multinacional. Sou conhecida como terra da boa gente, como sol que sempre brilha, casa das bênçãos e berço da humanidade.

Vivo a renascer, a crescer e a desenvolver. Nomearam-me cura e denúncia, presente e futuro, problema e solução. No meu ritmo revelo memórias que sussurram por África e mundo inteiro.

Moçambique é vestida de bela natureza. Adornada de pessoas criativas e ousadas. Pessoas que se transformam em poesia.

Somos infinitos, somos artistas:

Reinata Sadimba, nascida na terceira maior Baía do mundo, é uma ceramista Makonde que usa a argila como elemento fundamental das suas obras. Rica em significado, ela conta histórias de Moçambique, aborda infinitos aspectos da feminilidade. Condecorada com a Ordem do Infante D. Henrique,

Sebastião Coana nos ecos da terra escreveu com tintas em Qatar, na Galeria Katara o porquê de ser apontado como uma das personalidades mais influentes da lusofonia segundo a BANTUMEN e reiterou a razão de ter sido condecorado com a medalha de ouro pela Divina Academia de Artes, Letras e Cultura de França.

Nesta Baía desaguam histórias sem fim. De artes feitas por Duda Maguendo, Enia Lipanga, Esmeralda Sotamo, Amarildo Rungo, Phayra Baloi, Assa Matusse, Banda Kakana, Banda Marrove, Iveth Mafundza, Ivandro Sigaval. Moçambique cria, com coragem e de corpo inteiro.

Somos alegria, somos marrabenta, e o piano tradicional conhecido como timbila, da agitação da cidade de Maputo, a calma das ondas de Inhambane. Do Paraíso de Gorongosa que se reconstroi vivamente com fé, amor e trabalho até a maior Baía em Pemba.

Em cada província, há nomes que mudam rumos, elevam pessoas, constroem o mundo melhor que todos querem ver.

Moçambique veste-se de potencialidades valiosas e robustas. Ousando com coragem avançar nas oportunidades que brotam em cada província a transformar riquezas latentes em prosperidade sustentável.

A liderar com dignidade e humanidade, com firmeza e empatia, responsabilidade e integridade, visão estratégica e resultados.

Salima Salimo, Jamira Inguane, Letícia Meque, Géssica Macamo, Ilca Saíde, Luís Paulo, Jeremias Laiton, Mauro Tamele, Hadassa Nazaré, Cidia Chissungo.

Somos infinitos. Somos liderança ubuntu.

Já evocava o primeiro presidente de Moçambique, Samora Machel, ao destacar a solidariedade como ferramenta de unidade e crescimento entre os povos. Solidariedade na educação, nos batuques, nas escolas, praias, nos ritmos e risos, danças e cantos, casas e empresas.

Somos infinitos. Somos heranças. Berço e futuro.

Somos MaKonde, MaKua, MaTsonga, MaSena, MaRonga, MaNdau, MaChuambo. Somos infinitos. Somos muitas línguas, vários amores e tantos corações.

Somos uma história que continua a narrar a grandeza do povo em cada passo.

Moçambique não é apenas *maning nice* (muito bom).

Moçambique é um milagre místico, berço da criação.

KARINA SOUZA – UMA VOZ E OUTROS SILÊNCIOS...

A imagem ao lado é uma Releitura da Obra de Tarsila do Amaral – Operárias - Autora: Laís da Gama

O silêncio muitas vezes fala mais do que mil palavras.

Essa é minha história, minha ancestralidade, que historicamente foi calada e silenciada, hoje quer falar, gritar não só com palavras e sim com atitudes e postura que desafiam o mundo que nos calou por séculos.

Não ter atitude e postura que esperam de nós, povo preto, é resistência, pois fomos colocados em uma "caixa", estereotipados e relegados ao invisível, ao menos, ao silêncio e apagamento.

Sim, de muitas formas fomos apagados, de todos os locais, de todos os livros, **de todas as histórias oficiais**, mas com luta e resistência não perecemos, nos levantamos e nos erguemos para ocupar lugares de fala que a sociedade e a escola ainda não estão acostumadas.

Sou preta, poderia, mas não sou o estereótipo favelada.

Sou preta, poderia, mas não sou o estereótipo da analfabeta.

Sou preta, poderia, mas não sou vendedora de loja

Sou preta, poderia, mas não sou o estereótipo faxineira

Sou preta, poderia, mas não passo e nunca passei fome.

Sou preta, poderia, mas não sou do samba.

Sou preta, poderia, mas não sou da Bahia.

Sou preta, poderia, mas não sou casada com um jogador de futebol

Sou preta,

Sou mulher,

Sou professora.

Tenho voz.

Tenho diploma

Tenho história

E sei do valor da minha cor.

Eu existo e resisto nos ambientes que muitas vezes me são hostis, a olhares velados de desconfiança que não me querem ali.

Sou o que eu quiser ser e ocupo os lugares mais inviáveis, para não só mostrar que posso, mas para vencer barreiras que a mim e a meus ancestrais foram impostas: aqui não é o seu lugar.

Persisto, com ousadia, pois não sou só, cada um de nós do povo preto, nunca está só, estamos um por nós, desbravando fronteiras e falando muito alto: que enquanto povo resistiremos e não nos deixaremos serem apagados, pois tudo podemos e tudo queremos, afinal, de nós muito foi tirado e negado.

KARINA SOUZA EM DIÁLOGO COM LÉLIA GONZALEZ

Sabe qual é o negro mais bonito do mundo? È aquele que tem consciência de suas raízes, de suas origens culturais. É aquele que tem a atitude de que sabe que é ele mesmo, e não um outro determinado pelo poder branco. Me graduei em história e filosofia, fiz mestrado em comunicação e doutorado em antropologia. [...]Sou negra e mulher, isso não significa que sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração. A cultura negra não é só o samba, o pagode e o funk. Ela está no pretuguês que falamos. Que transformou a língua e toda nossa cultura. O negro tem que ter nome e sobrenome. (https://www.youtube.com/watch?v=QEij7sXdJ0s)